

Confluências Quilombolas na Educação em Ciências

Quilombola's Confluences in Science Education

Elisa Sampaio de Faria

Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais
elisasampaiodefaria@gmail.com

Resumo

Uma relação de pesquisa com comunidades quilombolas e de Axé, possibilitada pelo Encontro de Saberes na UFMG, abre um pensamento sobre a subjetividade de trajetórias escolares para diferentes grupos oprimidos por hierarquizações coloniais e cria debates com três homens quilombolas de Axé sobre formas, conteúdos e métodos da Educação em Ciências e do ensino do conhecimento científico escolar.

Palavras chave: Quilombolas, Axé, Encontro de Saberes, escola, inclusão, diversidade.

Abstract

A research relationship with quilombolas and Axé communities, made possible by the Knowledge Encounters at UFMG, initiates a thought about the subjectivity of school trajectories for different groups oppressed by colonial hierarchies and creates debates with three men quilombolas, from Axé communities, on the forms, contents and methods of Education in Sciences and the teaching of scientific school knowledge.

Key words: Quilombolas, Axé, Knowledge Encounters, school, inclusion, diversity.

Encontro de Saberes

O projeto Encontro de Saberes (ES) é uma iniciativa do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa (INCTI) sediado na Universidade de Brasília (UnB), que promove diálogos sistemáticos entre os conhecimentos acadêmicos e os saberes indígenas, da matriz africana e de outras comunidades presentes na América Latina (CARVALHO e ÁGUAS, 2015). Em 2014 foi ofertada a primeira disciplina do projeto na UFMG em caráter experimental. Em 2015 se institucionalizou a oferta de um conjunto de disciplinas compondo a Formação Transversal (FT)¹ em Saberes Tradicionais na UFMG.

Entre março e maio de 2017 foi ofertado o curso “Confluências quilombolas contra colonização”. A primeira parte do curso foi ministrada pelos mestres Antônio Bispo dos Santos, do Quilombo Saco do Curtume – Piauí e Arnaldo de Lima, do Quilombo Custaneira – Piauí. Fernanda de Oliveira e Edgar Barbosa Neto foram professora e professor parceiros dos mestres que ofereceram a primeira parte desse curso. Particpei do curso como estudante e pesquisadora.

¹ As FT são um conjunto de cursos, agrupados por temas, ofertados para os estudantes de todos os cursos de graduação da UFMG (ver <https://www.ufmg.br/meulugar/curriculo-transversal/>). Sobre a FT em Saberes Tradicionais na UFMG, ver <http://www.saberestradicionais.org/>.

Confluências quilombolas contra colonização

Bispo é lavrador. É também um tradutor dos saberes cantados e vividos pelos mais velhos de sua comunidade para a academia. Traduz a resistência perspicaz do povo quilombola, lembrando, por exemplo, o domínio quilombola das melhores terras e engenhos no semiárido piauiense antes da substituição dos contratos orais de uso da terra para os contratos escritos.

Lima nasceu e se criou na comunidade Custaneira e Tronco, município de Paquetá do Piauí. Há 25 anos luta com as comunidades quilombolas pelos direitos humanos e políticas de ações afirmativas. Sua intenção de vida é fazer o resgate histórico-cultural das comunidades valorizando a identidade quilombola. É reconhecido por sua comunidade e por todos que o conhecem como uma forte liderança política que faz resistir as práticas culturais quilombolas.

Lima e Bispo ensinam que para entender a sabedoria tradicional quilombola tem que vivê-la. Não adianta só pesquisar em livros. Lima convidou todos e todas que estiveram em suas aulas na UFMG a viver os costumes quilombolas participando do “3º Encontro de Terreiro Quilombola”, que foi realizado em 2017, em Custaneira.

Estudantes e docentes de diferentes cursos da Universidade Estadual do Piauí e muitos outros participantes de comunidades quilombolas e de Axé, como Dofono Vinícius de Ogum, da comunidade de Salinas - Piauí, se reuniram em Custaneira para vivenciar e compartilhar saberes sobre as histórias, costumes e espiritualidade dos povos quilombolas e de terreiro com mestres e mestras.

Marcos Vinícius Ferreira foi iniciado no Candomblé Ketu como Dofono Vinícius de Ogum em 2012. É filho de pai lavrador e mãe lavradora e professora quilombola. É uma liderança cultural em comunidades quilombolas, pertencendo ao grupo afro-cultural de dança e percussão Coisa de Nêgo. Atua como educador popular e hoje ocupa o cargo de Secretário Municipal de Cultura de campinas do Piauí.

Intenção

A intenção do projeto de pesquisa é confluir com comunidades quilombolas e comunidades de Axé para que eu me torne capaz de “apreciar e compreender” seus incômodos e expectativas (STENGERS, 2016, p. 161). A hipótese aqui é que pesquisar com pessoas dessas comunidades possibilite testificar sua presença e subjetividade quanto a diferentes trajetórias de escolarização², possibilitando que a Educação em Ciências abdique de um pensamento universalizante sobre as desigualdades na aprendizagem, na permanência e no fluxo escolar.

Referencial teórico-analítico

Durante o curso “Confluências quilombolas contra colonização” e o “3º Encontro de Terreiro Quilombola” adotei “métodos convencionais da pesquisa etnográfica” (STOLZE, 2013, p. 17). Os procedimentos de análise se iniciaram com os registros dessas experiências (STRATHERN, 2014). Selecionei, para esse artigo, informações registradas nessas ocasiões, revisitando

² Escolarização compreendida como “uma rede que se estabelece diante de elementos heterogêneos que envolvem os discursos, o espaço escolar, as ideias, o currículo, os materiais escolares, os procedimentos administrativos etc.” (VEIGA, 2002, p. 91)

também a intenção, propósito e questões da pesquisa.

Entrar em confluência (SANTOS, 2015) ou fazer ecologia de práticas (STENGERS, 2005) significa experimentar o encontro e suas divergências como condição para a criação de um vínculo. Bispo conta que, para o povo quilombola, não pode ter um ensinamento se não tiver o relacionamento. Para Stengers (2016), por causa da criação de uma relação, de um vínculo, acontece algo novo no mundo. Criar algo novo é o papel da experiência científica.

Inevitavelmente, os registros produzidos são de autoria mútua na medida em que os acontecimentos em campo e as relações organizam a pesquisa e escrita (STRATHERN, 2014). Logo, os nomes das pessoas citadas nesse artigo são os seus nomes. Todas elas participam do artigo como autores e autoras que generosamente permitiram que eu transitasse por seu mundo.

Trilhas possíveis

O intenso processo de expansão do sistema escolar brasileiro nas últimas décadas foi acompanhado da diversificação do perfil dos estudantes. Essa conjuntura, que se estende para os demais países das Américas, justifica a necessidade de a Educação em Ciências pensar suas relações com a diversidade.

Lee e Luyck (2006) observam que os sistemas educacionais frequentemente falham em oferecer oportunidades de aprendizagem de ciências igualitárias para os estudantes e estudos apontam desigualdades na aprendizagem escolar entre estudantes pretos e brancos (SOARES e ALVES, 2003). Ao longo das últimas décadas, antropólogos da educação procuram abordar a conservação das desigualdades étnico-raciais no desempenho escolar, e por muitas vezes, as diferenças no êxito escolar entre estudantes brancos e estudantes de comunidades negras ou de povos indígenas foi explicada por uma “diferença cultural” ou, até mesmo, por uma “desvantagem cultural”, justificada por suas comunidades utilizarem conhecimentos, formas de se organizar e de aprender diferentes para educar as crianças (LEVINSON e GONZÁLEZ, 2011).

A hipótese da diferença cultural, frequentemente conjecturada por trabalhos com perspectivas etnográficas na Educação em Ciências, é problematizada por Ogbu (1981). O autor observa que certas minorias nos EUA, que incluem pretos, mexicanos, povos indígenas, havaianos e porto-riquenhos, diferenciam-se das minorias imigrantes, que incluem chineses, cubanos, filipinos, japoneses, coreanos e leste-indianos. Se as características culturais de todos esses grupos se diferem da cultura norte-americana, como considerar o relativo sucesso escolar de estudantes de minorias imigrantes diante dos baixos índices de aprendizagem de minorias não-imigrantes?

Especulo caminhos para pensar com Lima, Bispo e Ferreira, que estão localizados numa interseção de identidade negra, quilombola e de Axé, sobre a escola e os processos de escolarização. Estabelecer esse vínculo proporciona experiências de pesquisa por meio das quais torna-se possível alcançar pistas para respostas relevantes para a questão colocada por Ogbu (1981), compreendendo que suas experiências podem transcender a individualidade e confluir com um grupo constituído de condições sociais e materiais compartilhadas.

Confluências quilombolas na Educação

Bispo conta que, há tempos, as terras de sua comunidade eram demarcadas pela capacidade de

cultivo³. “Eu só podia dizer que me pertencia a terra que eu era capaz de cultivar. A terra que eu não conseguia cultivar, qualquer pessoa podia cultivar. (...) A terra não é minha, a terra é de todo mundo.” Era isso que os mais velhos o contaram. Mas a demarcação de terras quebrou os contratos orais e construiu novos contratos escritos. Sua comunidade percebeu que, para não perder tudo, teria que aprender a lidar com os contratos na linguagem escrita. E foi assim que Bispo foi para a escola: com a “finalidade concreta” de aprender a traduzir a oralidade para a escrita e a escrita para a oralidade. Bispo foi para a escola para ler, por exemplo, a carta de Pero Vaz de Caminha, tendo em vista o que ela tem a ver com o dia de hoje. Isso ele aprendeu com seu povo, para quem o saber deve servir para alguma coisa, deve funcionar, ser resolutivo.

Para Ferreira, as escolas e as universidades são lugares onde se falam de “nuvem negras” e “buracos negros”⁴. No campo da Biologia, acrescento aos seus comentários o exemplo da peste negra. Ferreira problematiza: Qual é a criança e o jovem que vão se assumir como negra e negro, se tudo que foi apresentado para ela sobre o negro em sua educação foi colocado como ruim? Ele testifica que muitas crianças e jovens negros de sua comunidade não abandonam a escola por dificuldades de aprender, mas sim por não se enxergar dentro daquele espaço e sofrer pressões preconceituosas. Quando o seu povo é visto dentro do espaço escolar, é dito escravo e nada mais do que isso. A história de sua ancestralidade, como as histórias de Acotirene e de Zumbi de Palmares, é negada. Na perspectiva de Ferreira, a escola e a universidade ensinam o negro a ser racista com ele mesmo.

As observações de Ferreira confluem com o que Caputo (2012) encontrou em sua etnografia sobre as relações entre a escola e crianças de candomblé. Uma das jovens conta que se dependesse das escolas, continuaria morrendo de vergonha de ser do candomblé e de ser negra. Outra jovem relata que em nenhuma escola que estudou houve interferência de professor(a) para repreender situações de discriminação racial. Jovens e crianças que ocupam funções de importância fundamental no candomblé não se assumem na escola, pois se ninguém souber que são do candomblé, ninguém discrimina. Caputo verifica que a invenção de “formas de invisibilidade” (p. 206) é uma estratégia extensamente utilizada pelas crianças e jovens para atenuar o sofrimento causado pela discriminação. E a discriminação no ambiente escolar dificulta uma identificação positiva de estudantes negros(as) com a escola.

Caputo (2012) problematiza que a escola deveria almejar que cada estudante encontre o seu próprio movimento no mundo, com comunicação, diálogo, aprendizagem e respeito. Mas, para isso, as diferentes formas de discriminação presentes no ambiente escolar precisam ser confrontadas. Quando a Educação em Ciências se encontra com grupos oprimidos, se abre à possibilidade de desnaturalizar as diferentes formas de discriminação que podem ser instanciadas por meio da seleção exclusiva de conteúdos eurocêntricos, por exemplo. Para pensar projetos de uma Educação em Ciências antirracista, é necessário discutir formas, conteúdos e métodos de pesquisa e de ensino de ciências.

A experiência de Bispo como aluno em escolas e como mestre no ES oferece mais abertura para debates. Bispo estudou em uma escola parecida com as de muitas outras pessoas. Nelas, o professor fica na frente e de frente para todos, mas um estudante não vê o outro estudante que se senta atrás dele. Para Bispo, essa organização quebra a comunicação e a empatia. Afinal, como o mestre aponta, é uma beleza a gente olhar para o outro! As aulas do curso de Bispo e Lima na UFMG aconteceram todas em roda: cadeiras em círculo, giras de Lezeira e de São Gonçalo, rodas de pessoas assentadas na grama. Por ser um espaço de confluência, de encontro,

³ Fala de Antônio Bispo dos Santos no curso Confluências quilombolas contra colonização, UFMG, em 16 de março de 2017.

⁴ Fala de Vinícius Ferreira, o Dofono Vinícius de Ogum, no “3º Encontro de Terreiro Quilombola”, Custaneira - Piauí, 3 de junho de 2017.

vínculos são criados e as mentes são apontadas para soluções ou direcionadas para coisas importantes. É necessário que a Educação em Ciência problematize, por exemplo, a forma como as aulas de ciências são tradicionalmente conduzidas nas escolas e como são propostas em sequências didáticas. Trocas entre estudantes são favorecidas? Há espaços e hesitações que permitam a circulação das vozes? A aula é um momento de encontro ou de desencontro?

A visita ao território da comunidade quilombola Custaneira e Tronco nos aponta a necessidade de pensar a quem e a quem serve a educação escolar e universitária. A comunidade se situa dentro dos limites do município de Paquetá, no semiárido do sudeste do Piauí. A paisagem é povoada por carnaúbas, imburanas, mandacarus, palmas, xique-xiques, macambiras e coroas de frade. Nos dois núcleos da comunidade, Custaneira e Tronco, a criação de galinhas, cabras e porcos circula livremente. Há áreas cercadas para os cultivos de milho, feijão, arroz e gergelim. A maioria das casas da comunidade foram construídas em alvenaria e parte considerável foi construída em taipa. A população comunidade Custaneira e Tronco era constituída, em 2015 (SOUSA, 2015) por 167 pessoas. Sousa afirma que essas pessoas estão organizadas em 48 unidades familiares, sendo 86 homens e 81 mulheres. O autor os classificou como 18 idosos, 70 adultos, 37 jovens, 8 adolescentes e 34 crianças. Custaneira é cotidianamente movimentada por festejos, visitas de devotos, visitas de pesquisadores e estudantes, rodas de Lezeira⁵ e reunião de pessoas da comunidade para bater o Terecô⁶.

Lima e outras pessoas da comunidade participaram do festejo de Santo Antônio de Lisboa, realizado no povoado Aba da Serra, constituído maioritariamente por pessoas brancas. Lima foi chamado para puxar a roda de Lezeira no festejo, dança que diverte e movimenta os participantes, com quem pode dançar e conversar. Contaram-me que em Aba da Serra os avós criaram todos os seus filhos no povoado. Seus filhos, quando se tornaram pais e mães, estudaram os netos nas universidades e faculdades da cidade. Essa geração mais jovem não retornou ao povoado. Após o falecimento dos avós, os pais e mães despovoaram Aba da Serra quase definitivamente. Há, hoje, movimento de pessoas em Aba da Serra somente nos treze dias do festejo de Santo Antônio de Lisboa. Findo cada dia de festejo, as luzes são apagadas, a capela trancada e as casas deixadas: os participantes entram em seus carros e despovoam o lugar.

A escolarização de nível superior dos netos da família de Aba da Serra foi, portanto, razão para a desestruturação do povoado. Bispo comenta que “o capital” compra e comprou muitas pessoas de movimentos sociais que foram para a universidade e não retornaram para suas comunidades. E quando a filha de Bispo foi aprovada no vestibular para Educação Física, ele disse a ela: “Ótimo que passou, e aí?” Bispo não sabia o que a filha faria com o que aprenderia na universidade. Será que ela se tornaria “personal trainer” dos filhos dos latifundiários? Quando sua filha foi selecionada para atuar como professora em uma comunidade quilombola, Bispo se emocionou com muita felicidade. A forma como sua filha se apropriou de seu processo de escolarização é razão para Bispo afirmar que não é contra a academia, que é importante estar na universidade e que é necessário debatê-la.

Começo, meio, começo...

Numa perspectiva circular, traduzida por Bispo, as coisas têm começo, meio e começo. No “3º Encontro de Terreiro Quilombola” as comunidades de terreiro convidaram todos e todas a

⁵ As rodas de Lezeira de Custaneira originaram-se ainda no contexto escravista e consistiam em estratégia de resistência ao controle senhorial, pois além de se divertirem, os participantes se comunicavam enquanto cantavam e dançavam (BRASIL, 2012).

⁶ Manifestação religiosa da matriz africana que, nesse caso, mantém relações com a Umbanda.

participar de seus círculos, entrar em suas giras, dançar em suas rodas para compartilhar conhecimentos e somar forças em suas lutas contra a colonização. Se a colonização é um comportamento, como afirma Bispo, não poderia ser um processo restrito a nações, governos ou instituições. Atinge, necessariamente, a Educação em Ciências e o ensino do conhecimento científico escolar.

A presença de pensamentos, sentimentos e vivências de Bispo, Lima e Ferreira, homens pretos, quilombolas e de Axé, na Educação em Ciências, refuta possíveis discursos que deleguem às divergências culturais a razão para desigualdades em trajetórias e desempenhos escolares e indica que a questão do sucesso escolar é indissociável da história da posição estrutural de um grupo na sociedade e do conjunto de atitudes e práticas que daí recorrem (ver Ogbu, 1981).

Criar relações de pesquisa mais simétricas com grupos oprimidos na Educação em Ciências pode apoiar o desenvolvimento dos métodos de pesquisa proporcionando avanços na compreensão das relações da Educação em Ciências com a diversidade de povos da América Latina. Esses vínculos podem, também, subsidiar pensamentos sobre propostas pedagógicas que superem a reprodução das hierarquizações colonizadoras com práticas contra colonizadoras, capazes de propulsionar novos projetos para a educação escolar brasileira.

Experimentar conexões mais simétricas com comunidades negras, quilombolas, de terreiro de Axé (não necessariamente com todas essas qualidades simultaneamente interseccionadas) inspira-me a criação de algo novo, e a alegria envolvida nesse vínculo é fortalecida quando aprendo com elas a sentir e a sonhar com uma educação que conflua com a diversidade. Como diz Dofono Vinícius de Ogum: “Quem sonha nunca é escravo”.

Agradecimentos e apoios

À Naldinho e aos amigos de Custaneira, a Nego Bispo e Donofo Vinícius de Ogum pela participação e contribuições. À Fernanda de Oliveira, Taís Garone, Edgar Barbosa Neto, Natália Almeida, Ana Carolina Ferrari, Rebeca Andrade, Luciana Allain, Ana Maria Rabelo Gomes e Francisco Ângelo Coutinho pelas parcerias. Ao apoio financeiro da Fapemig.

Referências

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Bens Negros: Referências Culturais em Comunidades Quilombolas do Piauí**. Teresina: IPHAN/PI, 2012.

CARVALHO, J.J. ÁGUAS, C. ES: Um desafio teórico, político e epistemológico. Em: Colóquio Internacional Epistemologias do Sul: aprendizagens globais Sul-Sul, Sul-Norte e Norte-Sul, 2015, **Atas – Democratizar a Democracia**, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2015 p. 1017-1027.

LEE, O. LUYKX, A. **Science Education and Student Diversity: Synthesis and Research Agenda**. New York: Cambridge University Press, 2006.

LEVINSON, B. GONZÁLEZ, N. Antropologia da Educação. Em: VAN ZANTEN, A. **Dicionário de Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. 827 p.

OGBU, J. School Ethnography: A Multilevel Approach. *Anthropology & Education Quarterly*. V. 12, n. 1, 1981, p. 3-29.

SANTOS, A.B. **Colonização, Quilombos: Modos e significados**. Brasília, 2015.

SOARES, J.F. ALVES, M.T.G. Desigualdades raciais no sistema brasileiro de educação básica. Em: **Revista Educação e Pesquisa**. V. 29, n.1, 2003, p. 147-165.

CAPUTO, S.G. **Educação nos terreiros**: e como a escola se relaciona com crianças de Candomblé. Rio de Janeiro: Pallas, 2012, 296 p.

SOUSA, A.J. **Etnicidade e Territorialidade na Comunidade Quilombola Custaneira/Tronco**, Município de Paquetá – PI, Brasil. 2005. 455 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina.

STENGERS, I. Introductory notes on an ecology of practices. Em: **Cultural Studies Review**. V. 11, n. 1. 2005, p. 183-196.

_____. **Uma ciência triste é aquela em que não se dança**. Entrevistadores: DIAS, J.P. BORBA, M. VANZOLINI, M. SZTUTMAN, R. SCHAVELZON, S. MARRAS, S. 2016.

STOLZE, T. O campo e a escrita. **Revista de Antropologia da UFSCar**, v.5, n.2, jul-dez, p.9-23, 2013.

STRATHERN, M. O efeito etnográfico. Em: **O efeito etnográfico e outros ensaios**. p. 345-402. Cosac Naify: São Paulo, 2014.

VEIGA, C. G. A escolarização como projeto de civilização. **Revista Brasileira de Educação**, nº 21, 2002.